

WILLIAM HOPE HODGSON

UMA VOZ  
NA  
NOITE



**FREE BOOKS**

**William Hope Hodgson**

**UMA VOZ NA NOITE**

Tradução de  
Rogério Silvério de Farias

**Free Books  
2024**

# Sumário

Créditos.....	4
UMA VOZ NA NOITE.....	5
Sobre o Autor.....	28

## Créditos

**Título:** Uma Voz na Noite.

**Título original:** *The Voice in the Night*.

**Autor:** William Hope Hodgson (1877-1918).

**Tradutor:** Rogério Silvério de Farias.

**Ilustração da Capa:** Kyraxys/Pixabay.

**Foto do autor:** Autor desconhecido do séc. XIX.

**Editora:** Free Books Editora Virtual.

**Ano de Publicação:** 2024.

**Local de Publicação:** Salvador/BA.

© **da tradução:** Rogério Silvério de Farias.

# UMA VOZ NA NOITE

**E**ra uma noite escura e sem estrelas. A falta de vento tinha-nos detido num ponto qualquer do Noroeste do Pacífico. Não sei qual era nossa posição exata, pois durante uma semana estafante e sem brisa o Sol se escondera por trás de uma tênue neblina que parecia flutuar em volta de nós à altura dos mastros, mas que, por vezes, descia e envolvia o mar que nos rodeava.

Ante a calmaria, tínhamos prendido a roda do leme. Eu estava sozinho na ponte de comando. A tripulação, constituída de dois marinheiros

e um grumete que dormia a um canto da proa. Will, meu amigo e comandante de nossa pequena embarcação, estava na popa, estendido no beliche de seu minúsculo camarote.

De repente, um apelo partiu da noite:

— Ei, vocês de bordo!

O brado foi tão inesperado que, colhido de surpresa, não respondi imediatamente.

Alguém chamava de novo: era uma voz gutural que não tinha nada de humano, que se elevava de algum lugar, a estibordo, na noite escura.

— Ei, vocês de bordo!

— Ei! — respondi, depois de recobrar o ânimo. — Quem é você e o que deseja?

— Não tenham medo — replicou a voz, talvez percebendo a inquietação que transparecia em meu tom. — Sou apenas um pobre velho...

A hesitação em suas palavras parecia peculiar, embora somente mais tarde eu compreendesse plenamente seu significado.

— Por que não se aproxima? — perguntei, com uma ponta de irritação, desgostoso que ele tivesse percebido minha leve perturbação.

— Não... não posso. Seria perigoso. Eu...

A voz se calou, mergulhando-nos em um silêncio profundo.

— O que você quer dizer? — indaguei, cada vez mais perplexo. — Por que seria perigoso? Onde você está?

Esperei atento, mas não houve resposta alguma. Uma súbita e indefinida desconfiança tomou conta de mim. Peguei o farol e, ao mesmo tempo, acordei Will. Retornei rapidamente para estibordo e projetei o feixe de luz sobre a vastidão silenciosa do mar. Nesse instante, um grito estrangulado ecoou, seguido pelo som desesperado de remos chapinhando na água.

Não consegui discernir nada além das trevas que me cercavam.

— Ei, você aí! — chamei. — O que está acontecendo?

O único som que ouvi foi o murmúrio de um remo, afastando-se e mergulhando na escuridão.

Então, a voz de Will ecoou pela escotilha:

— O que houve, George?

— Venha aqui, Will! — respondi.

Quando ele se aproximou, relatei o ocorrido. Will me fez algumas perguntas, e após um breve silêncio, colocou as mãos em concha ao redor da boca e gritou:

— Ei, você aí do bote!

Uma resposta fraca chegou de muito longe. Will repetiu o chamado. O som dos remos ficou mais claro.

Então, uma resposta nítida:

— Apague a luz.

— Ah, isso não vou fazer! — murmurei. Mas Will insistiu para que eu atendesse ao pedido, e escondi o farol sob a amurada.

— Aproxime-se — disse Will, e o barulho dos remos se aproximou. A cerca de dez metros, pararam.

— Aproxime-se — repetiu Will. — Não há motivo para ter medo.

— Prometem que não usarão o farol?

Explodi, incapaz de conter a frustração:

— O que há com você? Por que tem tanto medo da luz?

— Porque... — começou a voz, mas se interrompeu.

— Por quê? — perguntei novamente.

Will pousou a mão em meu ombro.

— Não diga nada, meu caro. Deixe que eu cuide disso.

Debruçou-se ainda mais sobre a amurada:

— Ouça você — disse ele, dirigindo-se à voz na noite. — Tudo isso é muito estranho... Você aparece de repente na escuridão, em pleno Oceano Pacífico! Não acha que temos motivos para desconfiar? Você diz que está sozinho. Como podemos saber se é verdade, se não o vemos? Por que não quer que usemos o farol?

Quando Will terminou de falar, ouvi novamente o som dos remos, e a voz retornou. Estava mais distante desta vez, e seu tom era desesperado e patético.

— Perdoe-me... Sinto muito. Não queria incomodar. Estou com fome e... Ela também!

A voz se extinguiu, e o barulho dos remos, mergulhando irregularmente na água, nos alcançou.

— Pare! — gritou Will. — Não queremos afugentá-lo. Volte. Deixaremos tudo no escuro, se é isso que deseja.

Will se virou para mim:

— Isso é muito estranho. Mas acho que não há motivo para temer.

— Sim... Também acho. Sem dúvida, o pobre-diabo naufragou.

O barulho dos remos se aproximou.

Will me mandou esconder o farol e se inclinou sobre a amurada, atento. Cheguei mais perto dele. O ruído dos remos parou a cerca de doze metros.

— Por que não chega mais perto? O farol está escondido.

— Não... Não posso — respondeu a voz. — Não ousou me aproximar. Não tenho como pagar pelas provisões que peço.

— Não importa — disse Will. Hesitou e continuou: — Pode levar o que puder carregar...

E novamente, o silêncio se instalou.

— Você é muito bondoso — replicou a voz. — Que Deus, que tudo compreende, possa recompensá-lo...

— E... A senhora? — perguntou bruscamente Will. — Ela está...

— Eu a deixei na ilha — respondeu a voz.

— Que ilha? — interrompi.

— Não sei o nome — disse a voz. — Não vou pedir a Deus... — a frase ficou inacabada.

— Não poderíamos mandar um bote para buscá-la? — indagou Will.

— Não! — gritou a voz com uma ênfase extraordinária. — Meu Deus! Não...

Houve uma pausa e, em seguida, a voz acrescentou num tom suplicante, quase pedindo perdão por sua audácia:

— Arrisquei-me a pedir auxílio porque estamos famintos demais e os sofrimentos dela me torturavam.

— Sou um estúpido — exclamou Will. — Espere um pouco, vou lhe dar alguma coisa.

Poucos instantes depois, ele retornou com os braços cheios de víveres.

— Não pode se aproximar para pegar? — perguntou.

— Não, não tenho coragem — respondeu a voz, e percebi uma inflexão de avidez sufocada, como se nosso interlocutor lutasse para conter um desejo lancinante. Subitamente, compreendi

que o ser invisível que nos falava não estava louco, mas era vítima de um horror inominável.

— Com todos os diabos! — disse a Will. — Vamos arranjar uma caixa e enviar as provisões a esse infeliz.

Vários sentimentos se agitavam em meu íntimo, predominando a compaixão.

Will concordou comigo e ambos descemos ao mar uma caixa contendo os mantimentos. Após um minuto, uma exclamação velada emergiu da escuridão, indicando que o invisível havia recebido a caixa.

Pouco depois, ele nos agradeceu com tantas palavras que nos sentimos mais à vontade. Então, ouvimos novamente o barulho dos remos.

— Partiu — disse Will, meio decepcionado — depressa demais.

— Espere um pouco — repliquei. — Tenho a impressão de que ele vai voltar. Devia estar precisando muito daqueles alimentos.

— E a mulher, hein? — comentou Will.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Depois ele continuou:

— É a coisa mais estranha que já vi desde que comecei a pescar.

— É mesmo! — concordei pensativo.

Uma hora e outra se passaram. Will permaneceu sempre perto de mim, pois a estranha voz lhe tirara toda a vontade de dormir.

Mais de três horas se passaram quando ouvimos novamente o barulho de remos no oceano silencioso.

— Escute — disse Will, sua voz revelando emoção.

— Está voltando, exatamente como eu havia pensado — murmurei.

Os remos soavam cada vez mais próximos, e notei que sua cadência era mais firme do que antes. Não há dúvida de que ele precisava desesperadamente de alimento!

A canoa deve ter parado a pouca distância de nosso barco, e novamente a voz estranha se elevou na noite:

— Ei, vocês aí, a bordo!

— É você? — perguntou Will.

— Sim, sou eu... Saí apressado, mas tinha pressa.

— Por causa de sua mulher? — perguntou Will.

— Minha mulher não sabe como agradecer. Talvez possa, em breve, quando estiver no céu.

Will tentou responder, mas sua voz embargou. Eu não disse nada, me perguntando sobre as hesitações da voz. Além do espanto, sentia uma profunda compaixão.

A voz continuou:

— Nós... Ela e eu compartilhamos da misericórdia divina e da piedade de vocês.

Will interrompeu, mas sem coerência. A voz pediu:

— Não. Não diminua seu gesto de caridade cristã. Estejam certos de que Nosso Senhor não esquecerá.

Houve outra pausa, e então o invisível, aquela voz na noite, falou novamente:

— Decidimos morrer sem contar a ninguém o que nos aconteceu. Mas o que vocês fizeram é uma prova da bondade de Deus, um sinal de que Ele quer que contemos o que sofremos desde... Desde...

— Desde quando? — perguntou Will com voz terna.

— Desde o naufrágio do Albatroz.

— Ah! — exclamei involuntariamente. — Ele zarpou de New Castle para São Francisco há cerca de seis meses e nunca mais se ouviu falar nele.

— Sim... — retomou a voz. — A alguns graus ao norte do Equador, o navio foi destroçado por uma horrível tormenta. Ao amanhecer, os marinheiros desceram os escaleres e partiram, deixando minha noiva e eu a bordo do navio naufragado.

“Estávamos nos camarotes, juntando nossas coisas, quando eles foram embora. O medo os fez perder todo sentimento humano. Quando chegamos ao convés, já estavam longe. Não nos desespereamos. Construímos às pressas uma pequena jangada. O navio afundou logo depois e ficamos flutuando com água de beber e alguns biscoitos que conseguimos pegar.

“Algum tempo depois, uma corrente forte nos arrastou para longe dos destroços. Ao crepúsculo, caiu um nevoeiro que perdurou a noite

toda. Na manhã seguinte, a bruma ainda estava densa, mas o tempo estava calmo.

“Ficamos à deriva na neblina por quatro dias, até que, na noite do quarto dia, ouvimos o barulho das ondas quebrando em uma praia próxima.

“Quando amanheceu, descobrimos que estávamos em uma espécie de baía. Mas não vimos nada além do casco de um grande veleiro. Caímos de joelhos agradecendo a Deus, acreditando que nossa desgraça tinha acabado. Mas ainda tínhamos muito que aprender.

“A jangada se aproximou do navio e gritamos por socorro. Ninguém respondeu. Estávamos junto ao casco e, ao ver uma corda pendente da amurada, comecei a subir. Tive muita dificuldade por causa de uma espécie de líquen cinzento que cobria a corda e manchava o casco.

“Finalmente cheguei a bordo. O convés estava quase todo coberto por grandes manchas cinzentas, algumas delas com nós que se elevavam muitos pés acima do assoalho. Mas, naquele momento, eu pensava muito menos nisso do que na

possibilidade de encontrar alguém dentro daquele navio.

“Gritei, mas ninguém respondeu. Caminhei até uma porta e a abri. Um forte cheiro de maresia invadiu minhas narinas, e compreendi imediatamente que não havia ninguém vivo ali dentro. Fechei a porta rapidamente, sentindo-me extremamente solitário.

“Voltei para o local por onde havia subido. Minha querida estava tranquilamente sentada na jangada. Ao me ver, ela levantou a cabeça e perguntou se havia alguém a bordo. Contei-lhe tudo e disse que procuraria uma escada para que ela pudesse subir, e juntos exploraríamos o navio. Encontrei uma escada de corda. Um minuto depois, ela estava comigo.

“Exploramos juntos todos os recantos do barco. Abrimos caminho até a proa, atravessando horríveis excrescências de vegetação estranha. Era o último local que precisávamos examinar. Nada de novo, ninguém a bordo.

“Voltamos para a popa e tentamos nos instalar da melhor maneira possível. Limpamos dois camarotes. Depois, fui procurar alimentos a bor-

do. Encontrei alguns e agradei a Deus por sua bondade. Também descobri a bomba d'água. Consertei-a e verifiquei que a água era potável, embora de gosto desagradável.

“Durante vários dias, permanecemos no navio sem tentar descer à terra, ocupados em tornar nosso abrigo mais habitável. Logo percebemos que nossa situação estava longe de ser ideal. Embora nosso primeiro cuidado tenha sido raspar as bizarras placas de vegetação que cobriam o chão e as paredes dos camarotes e do salão, elas voltavam a crescer em vinte e quatro horas. Isso não apenas nos desanimava, mas também nos causava uma sensação de mal-estar.

“Não queríamos nos considerar vencidos, então limpávamos minuciosamente as paredes e o chão com fenol que encontramos na despensa. Mas, ao final da semana, a vegetação estava de volta, proliferando como se os germes se espalhassem simplesmente ao tocarmos nos esquisitos cogumelos.

“Na manhã do sétimo dia, minha amada encontrou uma placa cinzenta em seu travesseiro, bem ao lado do rosto. Assim que acordou, ela

veio até mim. Eu estava na cozinha acendendo o fogo para preparar o café da manhã.

“— Venha comigo, John — disse, conduzindo-me à popa do barco.

“Quando vi aquela coisa no travesseiro, comecei a me preocupar. Decidimos deixar o navio e tentar nos instalar em terra.

“Reunimos rapidamente alguns objetos e percebi que os cogumelos já haviam se agarrado neles. Notei uma mancha cinzenta na beira do xale de minha noiva. Joguei tudo no mar sem dizer uma palavra.

“A jangada ainda estava encostada no navio, mas era difícil de dirigir, então descemos um barquinho preso à popa e chegamos à praia.

“Ao nos aproximarmos, notei que os horríveis cogumelos que nos haviam afugentado do navio estavam espalhados pela terra firme. Em certos locais, formavam montículos grotescos que quase tremiam ao vento, como se tivessem vida. Alguns pareciam dedos enormes, outros se espalhavam traiçoeiramente pelo solo. Às vezes, assumiam a forma de árvores grotescas, cheias de nodosidades, tremendo de modo hediondo.

“A princípio, tivemos a impressão de que não havia um único lugar na praia que não estivesse contaminado por aquele horrível líquen. Mas nos enganamos. Ao contornarmos a costa, avistamos um trecho que nos pareceu ser de areia fina. Fomos até lá. Não era areia, mas o que quer que fosse não havia cogumelos ali, enquanto em todos os outros lugares eles dominavam.

“É difícil descrever a alegria ao descobrir aquele local. Colocamos nossos pertences ali e voltamos ao veleiro para buscar o que precisávamos. Trouxe uma das velas, com a qual construí duas pequenas tendas. Lá vivíamos e guardávamos o que necessitávamos. Durante mais de quatro semanas, tudo correu bem. Chegamos a nos sentir até mesmo felizes, pois estávamos juntos.

“Foi no polegar de sua mão direita que um cogumelo apareceu. Era apenas uma manchinha circular, parecida com uma verruga cinzenta. Meu Deus, meu coração bateu de medo quando ela me mostrou aquela placa. Limpamos com água e fenol. No dia seguinte, pela manhã, ela mostrou novamente sua mão: a verruga havia voltado. Olhamo-nos em silêncio por um instan-

te. Depois, sem falar, tentamos removê-la novamente. No meio da operação, ela disse de repente:

“— O que é isso ao lado de sua cabeça, querido?”

“Sua voz estava cheia de ansiedade. Passei a mão pela cabeça e, bem debaixo dos cabelos, ao lado da orelha, senti a mesma coisa.

“— Vamos acabar primeiro com seu dedo — disse eu.

“Ela obedeceu, temendo me tocar antes de se livrar do líquen. Depois que lavei e desinfetei seu dedo, ela cuidou do meu rosto. Terminada a operação, ficamos sentados lado a lado, conversando sobre o terrível destino que nos aguardava. Pensamos em carregar o bote com provisões e tentar o alto-mar, mas estávamos indefesos por várias razões e, além disso, a vegetação já nos havia atacado. Decidimos ficar. Deus faria de nós o que já tivesse decidido.

“Um mês, dois meses, três meses se passaram. Outras placas apareceram após as primeiras. Lutávamos desesperadamente contra o medo, e a progressão foi relativamente lenta.

“De vez em quando, íamos ao navio buscar o que nos faltava. Lá, o líquen crescia persistentemente. Um dos arbustos na ponte de comando logo atingiu a altura da minha cabeça.

“Abandonamos qualquer esperança de deixar a ilha, percebendo que não tínhamos o direito de viver entre outras pessoas, contaminados como estávamos.

“Uma vez tomada essa decisão, tivemos que economizar água e alimentos, pois não sabíamos quanto tempo viveríamos.

“Lembro-me de ter dito que parecia um velho. Em termos de anos, não era verdade. Mas... Mas...”

Ele fez uma pausa antes de continuar:

“Como eu estava dizendo, sabíamos que era preciso prestar atenção nos mantimentos, mas não percebíamos o quão escassos estavam. Uma semana depois, descobri que todos os cestos de pão estavam vazios. Além de algumas caixas de legumes e carne, só tínhamos o pão da cesta que acabara de abrir.

“Decidi fazer o que pudesse e comecei a pescar, sem sucesso. Esse fracasso me levou ao de-

sespero, até que tive a ideia de tentar pescar em alto-mar.

“Lá, ocasionalmente, conseguia pegar algo, mas era raro e não nos ajudava a matar a fome iminente. Parecia que morreríamos de fome, e não pelos cogumelos proliferando em nossos corpos.

“Nosso estado de espírito no final do quarto mês era desolador. Então, fiz uma descoberta terrível. Certa manhã, antes do meio-dia, voltava do navio com a última porção de biscoitos a bordo. À entrada da tenda, vi minha querida comendo algo.

“— O que é isso? — gritei ao pular para a terra.

“Ela pareceu perturbada ao ouvir minha voz. Virou-se e, furtivamente, jogou alguma coisa à margem da clareira. Não chegou a alcançar o destino, e eu, com uma vaga suspeita, fui pegar: era um pedaço de líquen cinzento!

“Caminhei até ela com o líquen na mão, e seu rosto alternou entre uma palidez mortal e um vermelho intenso.

“Senti-me aturdido e amedrontado.

“ — Minha querida, minha querida! — balbuciei, sem conseguir dizer mais nada.

“Ela, entretanto, caiu em prantos. Pouco a pouco, acalmou-se e confessou que havia experimentado o líquen no dia anterior e que havia gostado. Fiz com que se ajoelhasse e promettesse nunca mais tocar naquilo, por maior que fosse a nossa fome. Depois de prometer, ela explicou que seu desejo de comer o líquen surgiu subitamente, pois até então sentia apenas repugnância por aquela planta.

“Mais tarde, ainda agitado e perturbado pelo que descobrira, segui um dos caminhos sinuosos de substância branca e arenosa que conduziam à vegetação invasora. Uma vez, antes, me aventurei por ali, mas não fui muito longe. Naquele dia, imerso em meus pensamentos, fui mais longe do que devia.

“Subitamente, um estranho ruído cavo à minha esquerda me trouxe de volta à realidade. Vi-me rapidamente e vi uma massa de líquen de forma extraordinária, bem perto do meu cotovelo, movendo-se de maneira regular. A massa balançava inquieta, como se tivesse vida própria.

De repente, enquanto observava fascinado, pareceu-me que poderia ser a figura grotesca de um ser humano deformado. Enquanto pensava nisso, ouvi um som desagradável, como se algo estivesse sendo rasgado, e vi algo se aproximando, semelhante a braços que pareciam galhos, descolando-se da massa cinzenta indefinida. A cabeça era uma espécie de bola cinzenta e disforme, cada vez mais perto de mim. Fiquei paralisado de medo, sentindo o braço repugnante roçar meu rosto. Dei um grito de terror, afastando-o com tapas e recuando alguns passos. Senti um sabor adocicado nos lábios. Passei a língua neles e, num instante, fui tomado por um desejo inumano. Virei e agarrei um punhado da substância, consumindo mais e mais. Meu desejo era insaciável. Enquanto devorava a substância, a lembrança daquela manhã invadiu minha mente. Era como se Deus estivesse me enviando essas recordações. Atirei para longe o pedaço que tinha na mão. Abatido e culpado, voltei ao pequeno acampamento.

“Acho que, graças à intuição do amor, ela compreendeu o que se passara assim que me viu.

Sua terna piedade facilitou minha confissão, mas omiti a visão extraordinária que tive. Queria poupá-la de um terror desnecessário.

“Minha angústia era insuportável, certo de que havia presenciado o fim de um dos homens que chegaram ali com o veleiro, um fim monstruoso que prenunciava o nosso.

“Desde então, evitamos aquela comida abominável, embora o desejo de comê-la fosse enlouquecedor. Mas o castigo estava suspenso sobre nossas cabeças. Dia após dia, com monstruosa rapidez, os líquens proliferavam em nossos corpos desgraçados. Íamos nos tornando algo menos humano a cada dia.

“E, dia após dia, a luta contra o desejo de comer o horrível líquen era mais terrível.

“Há uma semana comemos o último biscoito. Desde então, pesquei três peixes. Estava pescando quando vi seu barco surgir no nevoeiro. Chamei por vocês. Deus os abençoe por seu bom coração.”

Ouvi o barulho dos remos na água, uma vez, duas vezes. A voz voltou a falar:

— Deus os abençoe! Adeus!

— Adeus! — gritamos juntos com voz rouca. Nossos corações pulsavam desordenadamente sob emoções estranhas.

Olhei em volta e percebi que o dia começava a raiar.

O Sol lançou um de seus raios sobre o mar oculto, atravessou tristemente a bruma e iluminou como uma mancha o bote que se afastava. Instintivamente, percebi algo agachado entre os remos. Parecia uma esponja: uma grande esponja cinzenta e curvada. Os remos continuavam a fender o mar. Eram cinzentos, como também era o bote. Meus olhos procuraram em vão o contato da mão com o remo. Fiquei fixado na cabeça inclinada para frente, enquanto os remos mergulhavam para trás. O bote saiu da mancha de luz e a... Coisa continuou a avançar hesitante para dentro do nevoeiro.

## Sobre o Autor

**William Hope Hodgson** (1877-1918) nasceu em Essex, Inglaterra. Ele fugiu dos maus-tratos da mãe antes de completar dezoito anos e foi para o mar em busca de sustento. No entanto, a sua visão romantizada do oceano diminuiu à medida que enfrentava adversidades a bordo — salários escassos, condições de trabalho horríveis e tratamento brutal por parte de colegas marinheiros, que o condenaram ao ostracismo injustamente e o submeteram à violência física. Tais experiências extinguiram a sua paixão pelo mar e levaram-no de volta à terra firme. Ao retornar, ele se esforçou na área da fotografia como meio de sustento, até mesmo construindo uma academia e iniciando uma carreira de escritor nas horas vagas, que infelizmente encontrou repetidas rejeições por parte dos editores — suas obras literárias foram rejeitadas sem consideração.

Esse brilhante autor, responsável por inspirar ninguém menos do que o titã da literatura de horror

H. P. Lovecraft e outros escritores notáveis, teve uma morte prematura: aos 40 anos, ele se ofereceu para o serviço militar durante a Primeira Guerra Mundial e foi mortalmente ferido pela explosão de uma granada; seu corpo foi espatifado pela explosão.

Apesar de ter sido relegado a uma relativa obscuridade, Hodgson — a mente criativa por trás de obras-primas como *A Casa sobre o abismo* — permanece como uma das figuras proeminentes da literatura de terror do século XX.

Rogério Silvério de Farias.



**William Hope Hodgson**

---

*Free Books*

<http://www.freebookseditora.com/>

---